

A REFORMA PASSOS: IMAGEM E IMAGINÁRIO NO IDEÁRIO DA CIVILIZAÇÃO CARIOCA.

André Nunes de Azevedo

ESTADO E SOCIEDADE.

O final do século XX marca o processo de esgotamento de alguns referenciais da modernidade. No seu plano político, com a decadência dos Estados nacionais e sua crise como elemento referencial e agregador das sociedades contemporâneas. Na sua face epistemológica, que hoje reconhece cada vez mais a multiplicidade do mundo social, o poder da doxa e o realce do papel do sujeito na construção do conhecimento. Na economia, que encontra no deslocamento de seu eixo da esfera produtiva e na desterritorialização dinâmica de suas operações, sua nova lógica de funcionamento etc.

A configuração desse contexto de rompimento de antigos paradigmas supõe ao homem contemporâneo um repensar de sua *referencialidade* - antes comodamente firmada no Estado moderno - e agora, ao que parece, refluindo com intensidade à esfera da cidade. No rescaldo da crise de representação dos Estados ocidentais, a figura do indivíduo é revalorizada, e a cidade é progressivamente notada como palco, por excelência, da ação dos sujeitos, espaço modelar do exercício de sua autonomia e volição, sendo ao mesmo tempo fim e meio da projeção de seus desejos sociais. Cada vez mais são tributadas à cidade as expectativas de encarnação das virtudes éticas e morais, que outrora esperávamos ver consubstanciadas nos Estados nacionais.

Imiscuído neste contexto, e em parte criador dele, escolho a cidade do Rio de Janeiro do início do século XX como objeto de análise, e nela mais especificamente, o período das reformas urbanas do prefeito Pereira Passos. Tal escolha se justifica por diversos fatores, a saber: a magnitude das reformas e o poder de ressignificação que exerceu sobre o espaço urbano carioca. Seu intuito de construir um novo imaginário urbano para a cidade. O fato de ter ocorrido no Rio de Janeiro, cidade considerada espaço metonímico da nação brasileira. E por

fim, pelo constante desafio interpretativo que o tema da reforma Passos vem lançando aos estudiosos da cidade.

Ao longo dos debates propostos na cadeira Cidade, Cultura e Poder do mestrado em História da UERJ, verificamos algumas lacunas na historiografia sobre as reformas urbanas da cidade, sejam elas por omissão de temáticas fundamentais ainda por serem discutidas, sejam por determinadas interpretações das reformas que nos parecem um tanto limitadoras para a multiplicidade de possibilidades de análises que a cidade do Rio de Janeiro nos oferece enquanto objeto polissêmico e complexo.

No que diz respeito às interpretações das reformas, notamos que boa parte da historiografia vem incorrendo no equívoco de reduzir as alterações urbanas de Pereira Passos a mero instrumento de dominação de classe. Estes autores, marcados pelo marxismo, analisam a cidade privilegiando as suas funções em detrimento do uso cotidiano dos cidadãos. Prescindem de um olhar historiográfico que perceba as singularidades desta cidade em favor de uma teoria econômica, que ao cabo forneceria uma explicação síntese, igualizadora do conjunto das cidades do continente.

Nesta perspectiva, o Estado aparece como o grande instrumento da vilânia de classe, conduzindo reformas anti-populares que eram efetivadas pela total ausência de senso crítico dos segmentos populares. Este segmento da historiografia sobre o Rio de Janeiro percebe o Estado como ente acima da sociedade, notando, portanto, suas ações como movimentos desconexos das aspirações de seu conjunto.

Dentro deste segmento da historiografia destacam-se Maurício de Abreu e Jaime Benchimol. O primeiro, geógrafo da UFRJ, se utiliza explicitamente do referencial teórico marxista. Formulando suas análises a partir do

desenvolvimento do capitalismo na cidade e seus corolários expressos no espaço urbano, procura demonstrar como a dinâmica da luta de classes se reflete na luta pelo domínio do espaço. O segundo, pesquisador do IPUR, opera menos com a teoria marxista, no entanto não se diferencia de M. de Abreu no privilégio excessivo que concede à *perspectiva funcionalista de análise*.¹ A trama maquiavélica de classe e a tirania do Estado burguês seriam a tônica das reformas urbanas do Rio de Janeiro que, segundo o autor, constituem autêntica operação militar. Ao contrário de Abreu, o trabalho de Benchimol tem um sério agravante, não tem questão.

Na historiografia sobre temas mais genéricos da *Belle Époque* também notamos a reiteração de algumas visões estereotipadas sobre a cidade do Rio de Janeiro.

Uma delas, muito recorrente, é a de que o povo do Rio de Janeiro, vivendo uma moral comunitária, estaria não somente apartado dos canais institucionais da vida política, mas também do próprio pensar sobre a sua realidade, de modo que desprovido de consciência crítica, aceitaria, sem maior exercício de reflexão, toda dominação burguesa que a república instaurara - desde que esta não interferisse na esfera da moral comunitária. Encontramos esta visão de maneira cabal em José Murilo de Carvalho; *Os bestializados* e mais especificamente quanto à inércia reflexiva do povo, em Nicolau Sevcenko; *A literatura como missão*, obra que atribui aos literatos cariocas a condição do pensar não institucional sobre a cidade.

Outra visão comumente propalada, quase cristalizada sob a forma de senso comum, é de que as reformas urbanas de Pereira Passos e o mundo cultural da *Belle Époque* constituíram mero arremedo das reformas urbanas de Hausmann e da cultura parisiense. Nesta esteira interpretativa estão Benchimol e J. Needle. O primeiro, esforça-se em sua obra para demonstrar que o plano de P. Passos seria uma adequação histórico-espacial das reformas de Hausmann. O último, vê na superficialidade panorâmica da *Belle Époque*, a cópia frívola da cultura européia. Esta abordagem historiográfica não percebe que Paris fora muito mais referência do que modelo a ser acriticamente copiado e que a superficialidade da cultura das elites cariocas não era indicativo de uma *modernidade imatura*, sendo este traço - muito ao contrário - elemento característico das sociedades modernas.

Enfim, notamos que a historiografia sobre o Rio de Janeiro da *Belle Époque*, e nela mais especificamente as reformas urbanas de Pereira Passos, encontraram alguns lugares comuns que merecem um esforço de revisão e reflexão por parte dos historiadores e demais pesquisadores das ciências sociais.

Não temos a pretensão de ocupar este pequeno espaço com o preenchimento destas lacunas historiográficas, pois consideramos que o nosso atual estágio de pesquisa e reflexão não nos permite um empreendimento de tal estatura.

O que apresentaremos aqui, como proposta de trabalho, consiste num esboço de análise das reformas urbanas de Pereira Passos como projeto de construção de um novo imaginário urbano para a cidade do Rio de Janeiro. Suporemos, outrossim, que a idéia de civilização é o cume deste projeto de ação sobre o imaginário, sendo, portanto, o fim maior das reformas que agregam e articulam, em torno de si, os demais fins - políticos, econômicos, artísticos, ecológicos etc. - dando a estes uma projeção e uma finalidade maior. Propomos, ainda, notar como se deu a recepção deste projeto por parte de alguns setores da população carioca. Esta preocupação parte da necessidade de se ressaltar a ação dos sujeitos na história, rompendo, assim, com a *morosidade reflexiva* que boa parte da historiografia tributa ao Rio de Janeiro. Enfim, envidaremos esforços para analisar as reformas urbanas de Pereira Passos não como arremedo da modernidade européia, mas como projeto de civilização e modernidade urbana *sui generis*, continente de traços singulares que expressam a historicidade, o desenvolvimento econômico e a cultura política e urbana da cidade do Rio de Janeiro. Procuraremos, ainda, notar como esse conjunto de fatores proporcionaram obstáculos e/ou facilidades para a execução das reformas, evidenciando, assim, as contradições e possibilidades da cidade mediante a singularidade que constituiu o projeto Passos.

A análise das reformas se faz necessária uma vez que acreditamos ser ela um elemento fundamental do processo de construção do significado do espaço urbano carioca, se constituindo em ação fulcral da formulação de um novo imaginário sobre a cidade.

Primeiramente, devemos observar que trabalhamos com o conceito de imaginário como faculdade de produção contínua de significados que parte do juízo receptivo do

sujeito sobre a realidade vivida. No que diz respeito à idéia de projeto de construção do imaginário urbano, nós o entendemos como ação de interferência na capacidade cognitiva do cidadão e conseqüentemente na sua faculdade de produzir imagens e informações sobre a cidade, ou seja, de significá-la.

Em seu projeto de construção de um novo imaginário urbano, Pereira Passos emvidará esforços para - em diversas instâncias - criar imagens emblemáticas que contenham, em si, seu projeto de imaginário. Assim se dará na construção das avenidas Central, Beira-mar e Francisco Bicalho, no alargamento e extensão de diversas ruas do centro, nos seus projetos de jardins, no ecletismo arquitetônico das novas obras, nas obras de saneamento, nos monumentos, nas proibições de usos urbanos, nas propagandas em jornais, revistas e cartões postais, nas exposições, etc.

No entanto, as imagens criadas pela reforma Passos - elemento fundamental de seu projeto de construção de um novo imaginário - dependem do imaginário da população carioca para serem caracterizadas, ou seja, só se percebe uma imagem a partir do imaginário do sujeito que a recebe. Portanto, podemos afirmar que é do confronto entre a imagem urbana - continente de um imaginário - e o imaginário do sujeito que a percebe, que são geradas as imagens da cidade, se constituindo assim, o seu processo dinâmico de significação.

Segundo Lucrecia Ferrara, *...a imagem é o retrato de um imaginário, é memória, é experiência e informação urbana.*² É ainda - no caso do Rio de Pereira Passos - expressão de um projeto de imaginário que visa a agir sobre a cidade, pretendendo estabelecer novos códigos para a vida urbana, de modo que o sujeito perca sua antiga relação com o espaço, e pense outra mais consoante com o projeto de imaginário proposto pelas novas imagens urbanas. Assim, mediante aquele novo espaço, o indivíduo ganharia uma nova identidade urbana, seria co-participante do projeto de civilização nele encamado.

Desse modo, podemos afirmar que as imagens de cidade, construídas ao longo das reformas de Pereira Passos, são o retrato do imaginário do poder institucional do Rio de Janeiro de *Belle Époque*, o imaginário da civilização carioca.³

Pereira Passos buscou ressignificar a cidade a partir do paradigma da civilização. Destarte, as reformas urbanas do prefeito

tiveram por intenção fazer com que o habitante se perdesse na cidade pelo movimento de construção de uma nova memória urbana. A construção dessa nova memória se daria exatamente pela dinâmica de ressignificação que, estimulada pela criação de novas imagens urbanas, apontaria para o novo ideário da civilização.

Como afirma Lucrecia:

*O contexto contribui para o significado da cidade e toda mudança do contexto implica alteração daquele significado.*⁴

ou ainda Maurice Halbwachs:

*Certamente, é inevitável que as transformações de uma cidade (...) incomodem alguns indivíduos em seus hábitos, perturbem-nos e os desconcertem.*⁵

Para Halbwachs, o espaço constitui um elemento fundamental na memória de uma cidade nela ou em alguns dos seus setores, a memória de um grupo ou de toda cidade se encontra encamada. Ela se apoia sobre a imagem de alguns lugares aos quais se incorpora melhor. Assim, uma rua estreita do centro da cidade, com a rua do Ouvidor, contém, em si, uma rede de significados para sua população; no caso desta rua, luxo, modernidade, finesse, etc. A rua Gonçalves Dias já significaria Boemia, intelectualidade literária e diversão intelectual; a região do manguê figuraria como espaço de prazer, divertimento profano, mundaneidade, etc., para citar alguns registros de memória compreendidos no espaço urbano carioca. A alteração do espaço urbano por Pereira Passos teria por fim, então, a alteração da própria memória urbana e o início da construção de uma nova referência de memória no espaço emergente, que regenerado, se mostraria mais acorde com o ideário da civilização.

No entanto, como já notamos, não podemos considerar apenas o papel da construção das imagens no novo imaginário urbano carioca, sob pena de imputar um papel por demais passivo aos sujeitos que nela vivem. Formando um binômio com as características físicas, as imagens, devemos considerar os usos que são feitos da cidade, pois o uso é a forma privilegiada de leitura da cidade de que dispõe o cidadão.

A relação entre uso e imagem física da cidade caracteriza a percepção urbana que, por vezes, subverte o projeto urbanístico, dotando

o espaço de significados que este projeto não comportava em suas formulações.

Segundo Lucrecia, uso e contexto se influenciariam mutuamente. No entanto, a estudiosa parece apontar para o contexto urbano como elemento primevo que estimula usos criadores - na sua relação com o contexto - de novas imagens urbanas. Assim, teríamos um movimento contínuo de influências entre um contexto que estimula usos que, por sua vez, devolve estímulos ao contexto. Obviamente, este processo não ocorre de maneira casual mecanicista, mas de maneira dinâmica e dialética, onde a síntese - sempre em movimento - é a resultante da relação de tensão entre uso e contexto urbano.

O que proponho como objetivo de trabalho é discutir a reforma Passos como projeto de construção de um novo imaginário urbano, que cogito chamar, imaginário da civilização carioca. Pretendo discutir por que motivos Pereira Passos optou por este projeto e de quais meios e estratégias se utilizou para concretizá-lo.

Pretendo, em seguida, como antítese deste projeto, envidar esforços para notar como a população carioca recepcionou o conjunto de transformações que se operavam no Rio de Janeiro do início do século. Por fim, como síntese desta relação, proponho analisar os êxitos e malogros deste projeto, considerando suas limitações e sucessos em face da cultura política e urbana carioca, de sua economia e historicidade, elementos fundamentais de análise que influenciam fortemente no conjunto de características urbanas da cidade, informado-a como palco privilegiado deste projeto de imaginário.

BIBLIOGRAFIA:

- Abreu, Maurício. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. RJ, IPLAN/Zahar, 1988.
- Benchimol, Jayme Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. RJ, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro; Secretária municipal de cultura, turismo e esporte; Departamento geral de informação cultural, 1992.

Bermann, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar* - SP, Cia. das letras, 1986.

Brenda, Giovana Rosso del (ORG.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos* - RJ, Index, 1985.

Carvalho, José Murilo de. *Os bestializados, o Rio de Janeiro e a república que não foi*. SP, Cia. das letras, 1987.

Ferrara, Lucrecia. *Ver a cidade. Cidade, imagem e leitura*. SP, Nobel, 1988.

Halbwachs, Maurice. *A memória coletiva*. SP, vértice, 1990.

Needle, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*. SP, Cia das letras, 1993.

Rodrigues, A. Edimilson. *A modernidade carioca: O Rio de Janeiro no início do século XX - Sociedade, vida literária e mentalidades*. Tese de livre docência apresentada à UERJ (Mimeo.). 1987.

Sevcenko, Nicolau. *A literatura como missão*. SP, Brasiliense, 1984.

NOTAS:

1 - Por perspectiva funcionalista de análise entendemos as abordagens teóricas que privilegiam as análises da cidade relativas às suas funções, subestimando, assim, os usos que os cidadãos fazem da mesma.

2 - Cf. Ver a cidade. Cidade, imagem e leitura. São Paulo, Nobel, 1988.

3 - Por civilização carioca entendemos o conjunto de características singulares do projeto de civilização subjacente à reforma Passos. Assim, afirmamos a especificidade deste projeto diante das vozes que insistem em notá-lo como modernidade de fachada, arremedo da modernidade européia, projeto burguês para dominação de classe e tantas outras adjetivações que negam sua singularidade enquanto projeto civilizacional.

4 - Ferrara, ibidem supra cit.

5 - Maurice Halbwachs. A memória coletiva. SP, Vértice, 1990.